

# ELEMENTOS DE QUALIFICAÇÃO AFETIVA DE UM ESPAÇO PÚBLICO

## O caso da Praça da Paz em João Pessoa

*ELEMENTS OF AFFECTIVE QUALIFICATION  
OF A PUBLIC SPACE  
The case of Praça da Paz, in João Pessoa*

**José Alberto Conceição de Araújo<sup>1</sup> e  
Marcele Trigueiro de Araújo Moraes<sup>2</sup>**

### Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as condições de copresença e de apropriação de objetos urbanos às atividades sociais. A Praça da Paz, em João Pessoa-PB, Brasil, é o campo desta pesquisa, que se baseia na consideração das configurações espaciais, dispositivos técnicos espaciais do urbano (DTSU) e sua relação com as atividades sociais urbanas, tidos como elementos geradores de empatia espacial e vitalidade urbana. Os métodos utilizados (leitura espacial, entrevistas semiestruturadas e fotomontagens) abordam dimensões físicas, sociais e ambientais do problema e permitem construir uma síntese cartográfica do espaço estudado. O resultado é uma compreensão do processo de produção da cidade, que questiona os comportamentos sociais na qualificação afetiva de um espaço urbano. Constata-se que apesar da degradação de uma série de dispositivos técnicos, independentemente das suas características físicas, ou mesmo a centralidade do espaço, quando o público aprecia o local, este não perde seu potencial de uso.

Palavras-Chave: espaços públicos, dispositivos técnicos espaciais do urbano, empatia espacial.

### Abstract

*This study proposes a reflection on the conditions of co-presence and appropriation of urban objects to social activities. Praça da Paz, in João Pessoa-PB, Brazil, is the field of this research, which is based on the consideration of spatial configurations, urban spatial technical devices (DTSU) and their relationship with urban social activities, considered as elements that generate spatial empathy and urban vitality. The methods used (spatial reading, semi-structured interviews and photomontages) address the physical, social and environmental dimensions of the problem and allow the construction of a cartographic synthesis of the studied space. The result is an understanding of the city's production process, which questions social behavior in the affective qualification of an urban space. It is noted that despite the degradation of a series of technical devices, regardless of their physical characteristics, or even the centrality of the space, when the public appreciates the place, it does not lose its potential use.*

*Keywords: public spaces, urban spatial technical devices, spatial empathy.*

<sup>1</sup> Arquiteto e Urbanista (UFPB). Graduado em Letras (UEPB).

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Géographie, Aménagement et Urbanisme, pelo Institut National des Sciences Appliquées de Lyon (INSA de Lyon). Professora Adjunto IV do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenadora do Laboratório de Estudos sobre Cidades, Culturas contemporâneas e Urbanidades - LECCUR (UFPB). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da UFPB e pesquisadora associada do Laboratório EVS CNRS UMR 5600, junto à equipe do INSA de Lyon.

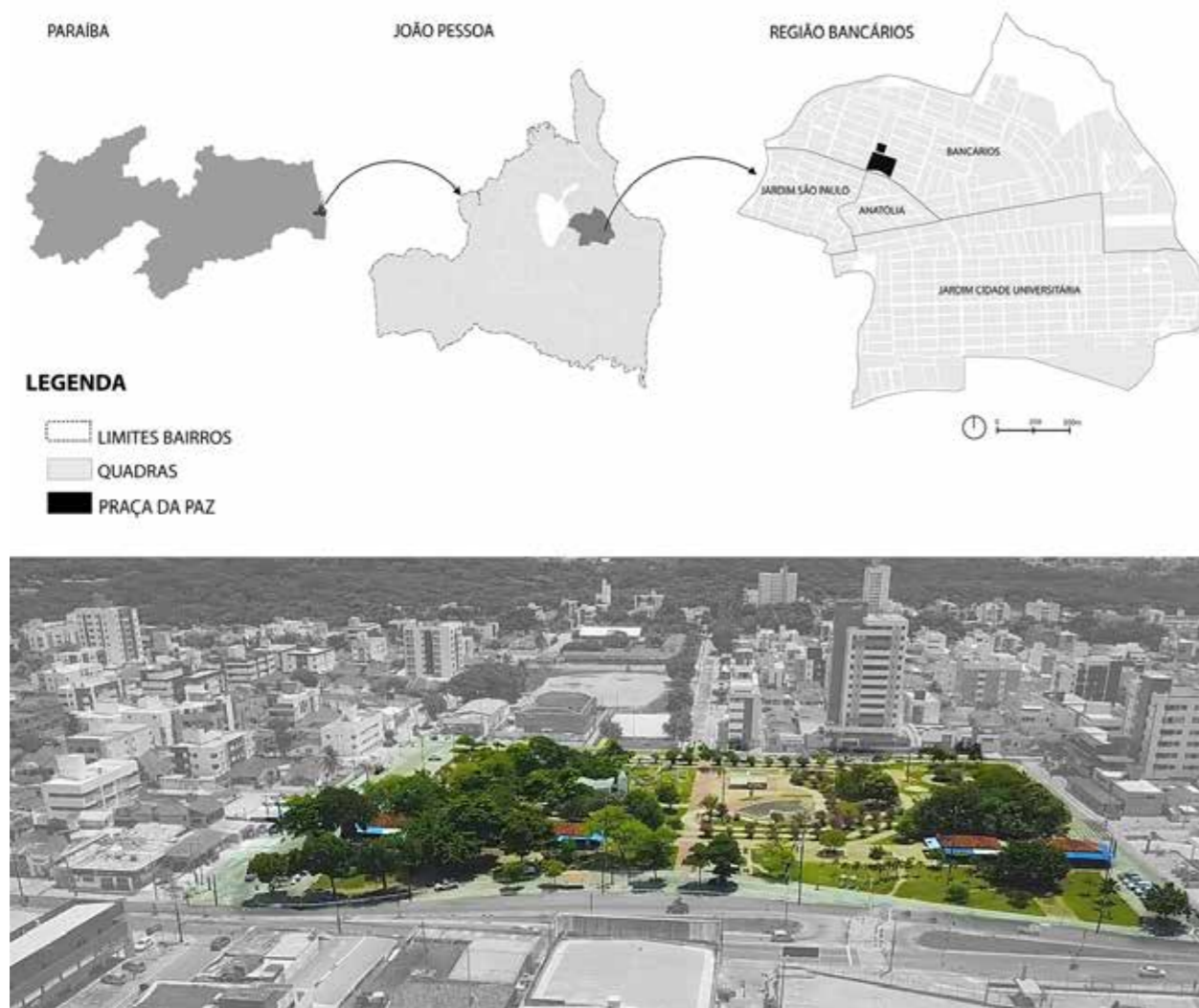
### Introdução

Os processos de urbanização decorrentes da modernização da sociedade desencadearam uma série de mudanças no espaço urbano. No caso das cidades brasileiras, esses processos assumiram contornos contrastantes e excludentes (MARICATO, 2015), manifestados notadamente nas relações entre os *públicos urbanos* (TOUSSAINT, 2003) e os espaços públicos da cidade. Em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, uma série de constatações no que diz respeito às condições de vitalidade dos espaços públicos fundamenta o desenho inicial desta pesquisa: insuficiência, abandono e negação dos espaços públicos aparecem enquanto manifestações de *desurbanidade* (FIGUEIREDO, 2012), típicas de uma práxis de planejamento urbano dessueta e permissiva, curvada à força do capital e dos *lobbies* imobiliários, que atuam em todos os níveis do poder (CRUZ; TRIGUEIRO, 2016; TRIGUEIRO *et al.*, 2020).

Parte-se do descompasso entre os objetos urbanos produzidos e as atividades sociais necessárias à vida urbana, para evidenciar, na cidade de João Pessoa, uma série de problemas quanto às condições dos espaços públicos, que resultam em ciclos de retroalimentação de sua própria desertificação, tais quais a degradação e baixa eficiência de seus *dispositivos técnicos espaciais do urbano* – DTSU (TOUSSAINT, 2003; TRIGUEIRO, 2012), bem como a ausência de públicos urbanos em determinados momentos do dia.

João Pessoa é uma cidade considerada de porte médio (MAIA, 2010), com população de aproximadamente 800.000 habitantes (IBGE, 2010), que apresenta aumento populacional e consequente espraiamento do tecido urbano, sobretudo no eixo de expansão Sul-Sudoeste, o que promove, nos bairros da Zona Sul, grande expansão territorial. Neste setor, a região dos Bancários [*cf. infra*, Figura 1] oferece uma oportunidade privilegiada de observação, uma vez que apresenta frequentes modificações de seu espaço urbano, a partir da inserção de pontos comerciais nas principais ruas do bairro; da alta demanda por moradia, sobretudo de pessoas que vêm de outros Estados; da coabitação entre um público tradicional — típico dos fundadores dos primeiros conjuntos habitacionais — e o público universitário; i.e. de um conjunto de características socioespaciais que se correlacionam e refletem no uso dos espaços públicos do bairro, inclusive de suas praças. Nos últimos anos, esta área tem ainda se consolidado como polo mercadológico, o que aumenta a procura por moradia e comércio e ocasiona uma intensa valorização do uso do solo e tendência à especulação imobiliária.

O objeto de trabalho cujos dados são explorados no texto é a Praça da Paz, um espaço público dentro dos Bancários [*cf. infra*, Figura 1], com localização estratégica no bairro, sendo ponto de passagem dos diferentes públicos em direção às universidades, supermercados e outras localidades importantes. A praça possui forte caráter simbólico, uma vez que foi objeto de diversos projetos de requalificação, decorrentes da mobilização de sua associação de moradores, ou ainda de diversas manifestações políticas e socioculturais (SOARES, 2009; ARAÚJO, 2020). A vitalidade urbana e perene da praça, reconhecida na história dos Bancários (ARAÚJO, 2020), aponta para uma série de questionamentos que norteiam a reflexão instaurada nesta pesquisa: (i) de que modo a configuração espacial e a presença de dispositivos técnicos estariam relacionadas à condição resiliente de sua vitalidade urbana? (ii) que aspectos de natureza ambiental estariam relacionados à escolha ou preferência, por parte dos usuários, de determinadas áreas da Praça da Paz para seu convívio social e lazer cotidiano? (iii) o que faz da Praça da Paz lugar de mobilizações e práticas de reivindicação democrática? Entende-se que a cidade e suas características morfológicas se inter-relacionam diretamente com os grupos sociais que a produzem, que nela habitam e a transformam (PANERAI, 2006). Portanto, considera-se que um



conjunto de ações e práticas sociais pode impactar na qualidade do espaço público, separando ou favorecendo o encontro de pessoas e atividades (MEDEIROS *et al.*, 2019). A partir dessa trama de conexões socioespaciais, sustenta-se uma associação entre morfologia, configuração e alteração dos espaços públicos, que pode repercutir, esclarecer e informar dados sobre a qualidade dos usos e das apropriações sociais (*idem*).

A arquitetura e a cidade são elementos fundamentais na construção da experiência humana, influenciando diretamente a forma como as pessoas se relacionam entre si e com o espaço ao seu redor. Nesse sentido, a cidade é um espaço que engloba uma grande variedade de pessoas, culturas e identidades, o que torna a análise instaurada nesta pesquisa uma questão vital à compreensão das dinâmicas sociais que se manifestam no espaço urbano. As experiências espaciais captadas, transcritas e ilustradas em tela, são essenciais para se compreender a forma como os indivíduos constroem suas narrativas e significados em relação à cidade, o que possibilita uma abordagem mais sensível e empática em relação ao espaço urbano e às pessoas que o habitam.

A problemática aqui desenhada está centrada nos usuários e na elaboração de suas conexões com o ambiente construído; ela observa que relações podem ser estabelecidas entre a configuração espacial e as diferentes modalidades de utilização ou, ao contrário, de abandono de determinadas áreas da Praça da Paz. Buscamos identificar, dentro da configuração da praça e dos *dispositivos técnicos espaciais do urbano* que a compõem (TOUSSAINT, 2003; TRIGUEIRO, 2012), os elementos geradores de vitalidade urbana. O impacto afetivo nos usos da praça é discutido, i.e., sua *empatia espacial*, a partir dos sentimentos e registros sensíveis de experiências responsáveis pela adesão afetiva ao Lugar; em outros termos, “os gatilhos de uso e apropriação do espaço [que] podem fundar experiências compartilhadas” (NASCIMENTO, 2018, p. 171).

O texto sintetiza os principais resultados de uma pesquisa desenvolvida entre 2019 e 2020 (ARAÚJO, 2020), no contexto de um Trabalho de Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, delineada com uma abordagem centrada nos usos e práticas sociais observadas em um espaço urbano consolidado e propõe, com base em um estudo empírico, uma reflexão sobre as condições de copresença e de apropriação de objetos urbanos às atividades sociais. Busca-se explorar a dimensão socioespacial, por meio de procedimentos metodológicos concebidos à escala do lugar, os quais associam técnicas de análise urbana e de percepção ambiental, notadamente a partir da relação entre os objetos fabricados, considerados *artefatos urbanos* (AKRICH, 2013) e seus *públicos urbanos* (Toussaint, 2003). Os métodos levam à apreensão das dimensões físicas, ambientais e sociais do problema, e à construção de uma *síntese cartográfica* do espaço estudado (ARAÚJO, 2020), capaz de evidenciar as principais relações desta rede sociotécnica, fomentadora e/ou reveladora de vitalidade urbana, com manifestações possíveis de empatia espacial.

### Interações socioespaciais e qualificação afetiva dos espaços públicos

Espaço livre público é “todo espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz) ao redor das edificações e aos quais as pessoas têm acesso” (MAGNOLI *apud* CUSTÓDIO *et al.*, 2011, p.03). Esta acepção compreende não apenas áreas verdes, mas todos os espaços livres existentes entre o construído, tais como vias, esplanadas, orlas, etc., tornando-se elementos importantes da estrutura e da paisagem urbana (QUEIROGA, 2011). Enquanto sistema complexo, os espaços livres agrupam relações de conectividade, complementaridade e hierarquia, congregando elementos fundamentais para o desempenho da vida social nas cidades; neste sentido, eles podem ser compreendidos como um híbrido entre materialidade e sociedade, forma e conteúdo, fixos e fluxos, inércia e dinâmica (SANTOS, 1996), fornecendo possibilidades de práticas urbanas, as quais se relacionam com o processo de acionamento de objetos e usos (TRIGUEIRO, 2012). A praça, por sua vez, é um espaço público por excelência dedicado “[às] ações da vida pública, sendo um conjunto indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações” (QUEIROGA, 2007, p. 86).

Há, no espaço público, práticas que estão sujeitas à disposição de seus objetos, i.e. à sua configuração e dimensões que relacionam atividades socioespaciais. Saboya (2015) entende como *vitalidade urbana* a “socialidade, representada pelo movimento de pedestres, copresença e potencial de interação nos espaços públicos” (NETTO *et al.*, 2015, p.3). Toussaint (2003), por sua vez, aponta para os dispositivos técnicos e espaciais urbanos (DTSU), enquanto arranjo de objetos fabricados, que permitem a participação dos públicos urbanos em atividades sociais. No meio urbano, objetos técnicos que equipam o espaço remetem à materialização de práticas sociais e interferem no ambiente no qual se movem os atores, bem como nas relações entre estes. Nesta lógica, os DTSU facultam possibilidades de ação, individual e coletiva, gerando comportamentos enquadrados pelas regras de uso, as quais estão associadas à sustentabilidade dos dispositivos e à maneira como cada um é compartilhado – os usos, portanto, regulam as práticas, que precedem, mas também nascem dos dispositivos (*idem*). A presença de determinados tipos de DTSU pode ser uma característica capaz de influenciar na decisão sobre quais espaços públicos são mais atrativos (WHYTE, 1980). Jacobs (2001) refere-se ao uso das calçadas, identificando-as como locais onde a existência de bancos possibilitaria as pessoas apreciarem o movimento, aumentando, assim, as oportunidades de se relacionarem com outros usuários. Essa perspectiva de permanência no espaço e de mobilização e interação com seus objetos urbanos amplia as possibilidades de elaboração de repetição dos usos, costumes, rotinas e de memórias afetivas.



Sendo assim, estão no cerne deste trabalho: (i) a compreensão do espaço construído e os condicionantes que levam ao uso e à copresença de pessoas; e (ii) as relações entre o espaço construído e os fatos que dão suporte às suas práticas e apropriações sociais. A rede de dispositivos técnicos espaciais do urbano (DTSU), assim como a interação entre os indivíduos e o espaço construído, que remetem aos comportamentos sociais capazes de possibilitar a qualificação afetiva de um espaço urbano, tornam-se os objetos privilegiados da pesquisa.

No caso da Praça da Paz, sua qualificação afetiva considera impressões captadas a partir de entrevistas com os usuários recorrentes no local, as quais permitem a construção de narrativas dos reais praticantes da cidade. Ao lado dos métodos de levantamento, os discursos recolhidos expressam o conhecimento do universo urbano e possibilitam a construção de uma síntese cartográfica do espaço estudado. Assim, o aparelho metodológico associa procedimentos de análise urbana (leitura espacial) e de percepção ambiental (observações *in loco* e aplicação de entrevistas semiestruturadas). Para o mapeamento e observação dos objetos técnicos, fez-se uso de fotomontagens que ilustram as diferentes modalidades de cada dispositivo pelos usuários. Somada aos procedimentos de análise, a pesquisa bibliográfica e documental possibilitou ampliar o reconhecimento do local estudado e correlacioná-lo à base teórico-conceitual.

Com o objetivo de entender o comportamento das pessoas e possíveis relações de comunhão/afetividade com o espaço (relações empáticas), fez-se uso do método de mapeamento comportamental, desenvolvido a partir de observações sistemáticas do ambiente, registradas através de representações gráficas da ocupação humana em sua área, relacionando espaço físico e comportamento dos usuários (PINHEIRO *et al.*, 2008; SANTANA, 2015). Foram observadas, em 14 visitas *in loco*, pessoas que corriam/caminhavam, utilizavam algum mobiliário, brincavam, permaneciam sentadas/paradas, andavam de bicicleta ou passavam pela praça. A etapa metodológica de entrevistas semiestruturadas, teve como objetivo coletar dados referentes à percepção dos usuários sobre o local. Ao todo, foram realizadas oito entrevistas, descritas ao longo de quatro visitas em horários e dias da semana distintos. As pessoas foram abordadas livremente, de modo que algumas entrevistas ocorreram individualmente e outras em grupos de dois ou três participantes. A última etapa consistiu na exploração dos dados, cuja dimensão qualitativa permitiu abranger o universo de significados que correlaciona usuários, objetos técnicos e os fatores de atração pelos espaços. Neste sentido, o entendimento da concepção urbana e configuração espacial, enquanto aspectos centrais dessa pesquisa, não se limitam a uma visão restrita da descrição de formas e elementos que os compõem, mas buscam transitar e dialogar com outras disciplinas, para entender a relação dispositivos – usos – apropriações – empatia espacial.

### A Praça da Paz: um espaço público pulsante no bairro dos Bancários

Ao refletir sobre o processo de periferização e de fragmentação urbana, Maia (2014) salienta que a cidade de João Pessoa-PB só apresenta um crescimento mais expressivo a partir do início do século XX. Nessa lógica, partir da década de 1960, algumas intervenções públicas impulsionam o espraiamento do tecido urbano, o que ocasiona a expansão da cidade de João Pessoa na direção Sudeste. Este processo intensifica-se nas décadas de 1970 e 1980 e resulta com a “cidade dos conjuntos habitacionais” (MAIA, 2014, p. 98). É nessa lógica que ocorre o surgimento dos primeiros conjuntos habitacionais que hoje compõem a região dos Bancários.



LEGENDA:

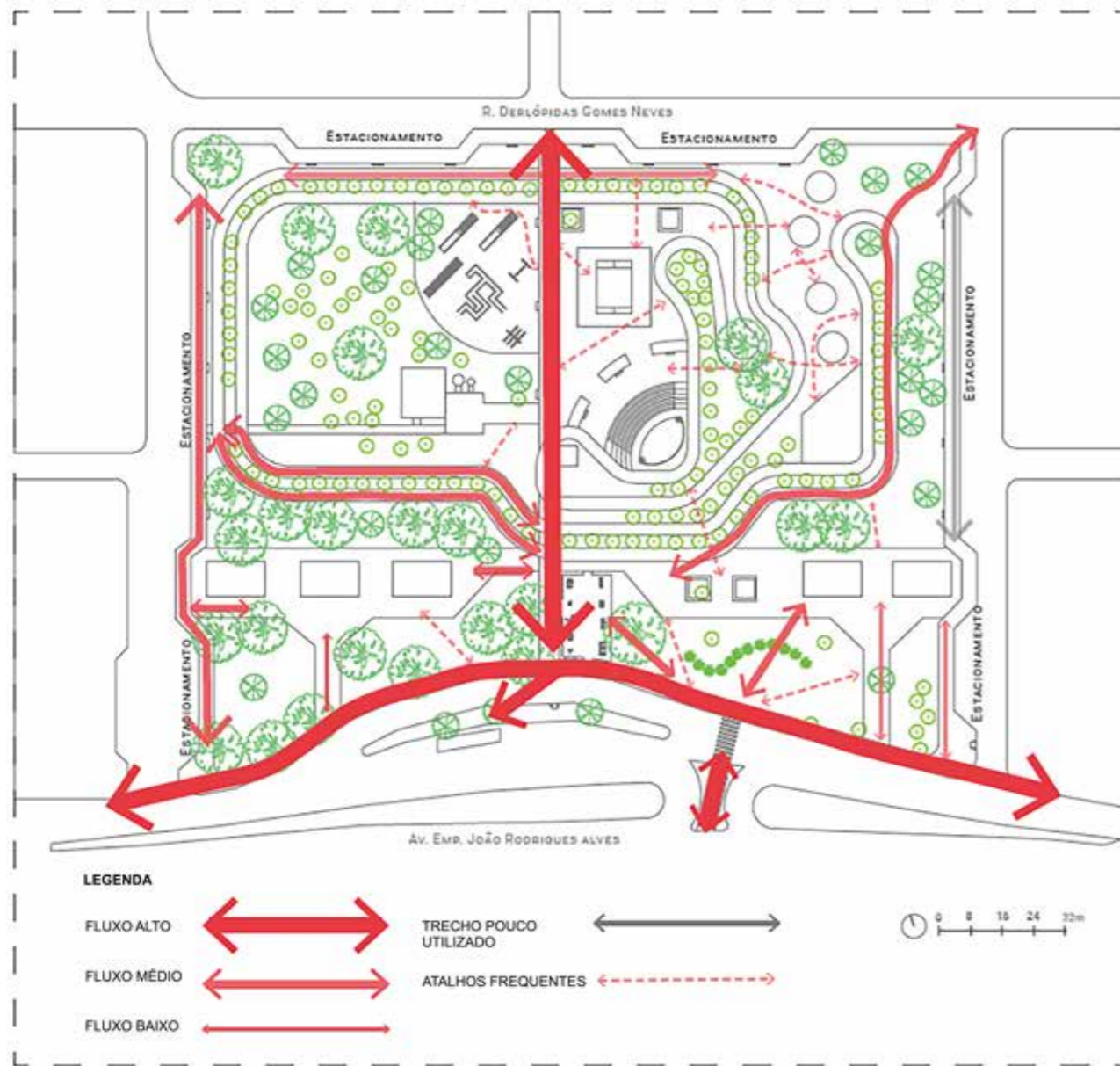
- |               |               |                      |                      |
|---------------|---------------|----------------------|----------------------|
| 1- QUIOSQUE   | 3- PLAYGROUND | 5- ANFITEATRO        | 7- ÁREA P/ GINÁSTICA |
| 2- BIBLIOTECA | 4- HALF       | 6- ACADEMIA 3ª IDADE | 8- ESTACIONAMENTO    |

O setor formado pelos bairros Anatólia, Bancários, Jardim São Paulo e Jardim Cidade Universitária origina-se a partir de intervenções do Governo Federal, por meio da implantação de conjuntos habitacionais populares (NEGRÃO; SILVEIRA, 2016) e, também, a partir da atuação de agentes privados que focam na construção de edificações residenciais nos vazios urbanos resultantes da produção dos loteamentos (BONATES, 2009). De acordo com Negrão e Silveira (2016), o conjunto Bancários é o primeiro assentamento a ser inserido nesta área. Em 1981, contíguo a ele, há a entrega de 222 unidades referentes ao Conjunto Anatólia e, nos anos seguintes, a construção de conjuntos nos loteamentos Jardim São Paulo e Jardim Cidade Universitária.

Nos últimos anos, tem se intensificado a inserção de empreendimentos comerciais e de importantes equipamentos urbanos, o que altera paulatina e significativamente a dinâmica do local, transformando-o em um polo gerador de atividades e circulação de pessoas. Apesar de o setor comercial estar predominantemente localizado no principal eixo viário (Av. Empresário João Rodrigues Alves / Av. Bancário Sérgio Guerra / Av. Walfredo Macedo Brandão), há ainda uma tendência à diversificação de serviços em eixos viários secundários. Em razão do público jovem e estudantil residente, nesta região, situa-se uma infinidade de bares, restaurantes, pizzarias, lanchonetes, dentre outros tipos de comércio e serviços. Há igualmente um considerável número de academias de ginástica. No que diz respeito ao uso do solo, a área estudada é majoritariamente residencial. Tal característica se aplica à maioria dos lotes, excetuando-se apenas a avenida principal (Empresário João Rodrigues Alves), onde predomina o uso de comércio e serviços. Também neste setor, há uma forte presença de importantes equipamentos urbanos: escolas; creches; um Centro Práticas Integrativas e Complementares de Saúde e, mais recentemente, uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA).

Figura 2 - Praça da Paz (vista de topo). Fonte: Araújo, 2020. (Adaptado pelos autores).





Considerada pelos moradores como um espaço de referência no bairro, dada a sua localização, próxima a um importante eixo viário e grande concentração de comércio local e serviços, a Praça da Paz tem sua inauguração no dia 14 de junho de 2006. A construção desse espaço é fruto da luta de um grupo de moradores do bairro, que durou cerca de dez anos, com muita cobrança à Prefeitura Municipal (SOARES, 2009).

Além da área destinada ao plantio de vegetação, o anteprojeto previa inicialmente uma pista de *cooper* (1000 metros), ciclovia (1000 metros), duas quadras poliesportivas, duas quadras de areia, duas quadras de barro, pista para patinação, parque infantil, anfiteatro, sanitários, quatro quiosques, área para quitandas, área para ginástica, bicicletário, ponto de táxi, depósito, posto médico e posto policial, além da instalação de um gradil circundando todo o perímetro da quadra. Contudo, no projeto desenvolvido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa foram efetuadas algumas modificações, reduzindo a quantidade de equipamentos instalados, dentre outras adequações [cf. *supra*, Figura 2].

#### Elementos de qualificação afetiva de um espaço urbano: leitura e imagem da praça

Os fluxos de pessoas na Praça da Paz ocorrem em três níveis de intensidade, definidos pela frequência de passagem das pessoas: fluxo alto (trecho utilizado pelas pessoas em todos os horários observados), médio (trecho utilizado em períodos específicos do dia), baixo (trecho raramente utilizado) e atalhos (caminhos não previstos no desenho

da praça, mas que possuem uso recorrente entre as pessoas). Nos dois trajetos mais concorridos, registra-se um fluxo intenso de pessoas tanto ao longo do dia quanto à noite. Percebe-se que os percursos previstos no projeto são geralmente respeitados, mas que a regra não se aplica à porção sudeste da praça, onde há uma preferência em cruzar diagonalmente o espaço, tornando o trajeto mais curto. Além destes, foram identificados também outros atalhos, na porção noroeste da praça [cf. *infra*, Figura 3].

Observa-se ainda que há uma lógica na disposição dos elementos que compõem o agenciamento da praça [cf. *supra*, Figura 3]. Há um eixo que conecta os pedestres à principal avenida do bairro, com um passeio de 4,5 metros de largura e cerca de 120 metros de comprimento, de um lado a outro da quadra. Ao redor deste eixo, são dispostas áreas que, a priori, atenderiam a públicos distintos. Os quiosques/bares localizam-se na parte frontal, sendo três à esquerda e dois à direita do passeio central. No meio da praça há um anfiteatro, menor em relação ao que era previsto no projeto original. Próximo a ele, há uma pista de skate (*half*) e, à esquerda da área para os skatistas, um pequeno espaço para playground. À direita da pista de skate, cinco caixas de areia estão destinadas à prática esportiva de jovens e adultos. A Prefeitura Municipal inseriu ainda no espaço uma academia da terceira idade (ATI) e, em parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI), foi construída também uma biblioteca, próxima ao playground. No período da pesquisa, esta biblioteca encontrava-se em estado de degradação e, por isso, não era frequentada pelos usuários da praça. Próximo à parada de ônibus, há um ponto de táxi, defronte à Avenida Empresário João Rodrigues Alves. Na direção oposta, anexo à quadra da Praça, há também um posto da Guarda Municipal.

Pela manhã, das 5:30 às 8:00, é o momento em que há uma preferência maior por parte dos idosos, das mulheres com crianças de colo e/ou animais de estimação. No intervalo entre 6:00 e 8:00 horas, a concentração de pessoas também aumenta, devido à parada de ônibus que há na praça. Na maior parte do dia, o movimento se restringe às pessoas que frequentam os quiosques ou que cruzam a praça para ir ao supermercado ou outro comércio local. No entanto, isto não é regra, pois há também pessoas que praticam atividades físicas a partir das 8:00 horas, o que ocorre em menor frequência. A partir das 16:00 horas, quando a temperatura começa a diminuir, novamente, intensifica-se o fluxo de pessoas. Neste horário, uma parcela significativa de idosos também frequenta o local. A partir das 17:30, começa a aparecer um público mais jovem, notadamente, universitários e estudantes secundaristas. É a partir das 18:30 que o fluxo de pessoas se intensifica ainda mais, de modo que esta dinâmica permanece até 20:30 ou 21:00 horas. Nos finais de semana, sobretudo aos sábados, a concentração de pessoas se estende até mais tarde ou até mesmo de madrugada.

#### A Praça da Paz no contexto das vivências de alguns usuários

Ao serem questionados sobre quais os motivos lhes faziam frequentar a Praça da Paz, os entrevistados indicaram, em sua maioria, motivos relacionados a atividades triviais de esporte e de lazer; mencionaram ainda certa identificação pessoal (um charme peculiar ou fator de atração). No âmbito da psicologia ambiental, a escolha por determinado espaço pode estar relacionada a propriedades específicas. Dentre elas, uma definição que merece destaque é a *identidade de lugar*. Para muitos dos entrevistados, a região dos Bancários é tipicamente dotada por dois públicos específicos: os antigos moradores/fundadores do bairro e uma população jovem, manifestada pela forte presença de universitários. A ideia de lugar merece destaque no processo de apropriação e significação dos espaços e, portanto, é essencial para a construção de um laço identitário e afetivo com este. Tal característica é ressaltada por Tuan (1983) quando destaca a diferença entre os termos Espaço e Lugar; a definição



de Lugar está relacionada à segurança e estabilidade, já a definição de Espaço se relaciona à liberdade e movimento. Assim, o “espaço, transforma-se em lugar à medida que o sujeito o vivencia através do tempo e da intensidade, passando, então, a ser dotado de valor afetivo” (CAVALCANTE; MOURÃO, 2011, p. 212). Enquanto o espaço pode transformar-se em lugar, quando se atribui a ele valor e significação; o lugar não pode ser compreendido sem ser experienciado. É neste sentido que a preferência ambiental é mediada pela experiência dos usuários e pela percepção de atributos e/ou qualidades do local.

Tais fatos também podem ser exemplificados a partir de trechos das entrevistas que denotam as avaliações dos usuários e suas justificativas pela escolha de determinados setores da Praça. Durante a pesquisa de campo, a etapa de avaliação do espaço foi a que mais motivou a fala dos participantes. Quando solicitados para indicar quais locais eles consideravam como menos frequentados e por quais motivos, algumas respostas indicaram possíveis fatores de repulsa a determinadas zonas da praça ou, ao contrário, de atração. O principal motivo de evitamento apresentado foi a existência de locais degradados, com iluminação insuficiente e, inclusive, por abrigarem moradores de rua ou flanelinhas. Nos trechos apresentados a seguir, recupera-se as principais impressões relatadas.

[...] Do lado de lá é muito esquisito, tem muito mato. É muito mais escuro. Isso! Mais escuro e tem muito flanelinha pra lá. O pessoal fica com medo. Essa hora que você tá vendo aqui agora é a hora mais frequentada. Pra lá também, daquele outro lado, não vai ninguém. (Entrevistado 1).

[...] Daquele outro lado, tem o bar o Barraco, mas não é tão frequentado pelo povo daqui. O lado de lá não é tão frequentado como esse daqui que é mais harmonioso. O pessoal... geralmente, famílias... Pode ver... Eles vêm colocam um banquinho e sentam ali. Aqui se concentra mais gente realmente. Tanto aqui, como ali na frente, que tem o rapaz que aluga as ‘motoquinhas’ para as crianças brincarem. (Entrevistado 2).

[...] Esse espaço aqui de trás, ele é muito pouco utilizado. A parte dos brinquedos, do labirinto e esse outro que tem ao lado dele, que tem essas barras, ele é muito pouco utilizado porque ele é bem esquisito. Você percebe, olha! É uma área que poderia ser bem aproveitada para as crianças brincarem, mas está escuro. Justamente essa parte aqui ela é muito esquisita, você vê que ninguém fica ali. É justamente a parte que fica de frente para a guarda municipal. Até aqui onde tem as crianças, nem sempre os pais deixam, porque pode ser esquisito em algum horário e ter algum estranho ali, por isso fica mais concentrado nesse meio aqui. (Entrevistado 3).

Uma questão que ficou bastante evidente tanto nas observações como durante as entrevistas diz respeito aos públicos que frequentam a praça em diferentes horários. Apesar da diversidade de pessoas e, principalmente, dos usos simultâneos por parte de públicos distintos, alguns entrevistados relataram um nível de repulsa pelo local. Essas respostas, ainda que representem casos isolados, ancoram-se em impressões pessoais, numa típica reprodução de representações de “descrédito” (GOFMANN, 1975, p.15) em relação a determinados públicos. O uso recorrente de expressões tais como “começa a chegar uma turma de outra classe”, “tem uns tipos de pessoas” ou ainda “dá muito mofi. Não gosto!”, presta conta desse julgamento ou “atributo” que introduz determinados públicos em um processo de estigmatização visível e comumente



Figura 4 – Dispositivos Técnicos Espaciais do Urbano localizados na Praça da Paz. Fonte: Araújo, 2020. (Adaptado pelos autores).

conhecido (*Idem*).

Ademais, observa-se nos discursos indícios de territorializações do espaço da praça em função dos horários; de fato, tal movimento expressa-se não somente pela ocupação, por parte de grupos de públicos distintos, de determinadas zonas da praça, como também pelas regras de uso impostas por cada um, as quais orientam, não declarada e tacitamente, as normas a serem adotadas em determinados locais (tais quais os quiosques). Pode-se mencionar ainda o caso específico dos brinquedos disponibilizados para aluguel; há vários setores na praça com essa mesma finalidade. Destaca-se que o aluguel de carros e motos infantis é um dos elementos que mais atrai as crianças para o local: embora estes sejam de natureza privada, possuem caráter lúdico, de maneira que muitos pais vão à praça com seus filhos para fotografá-los enquanto utilizam tais brinquedos e se divertem. A presença desses equipamentos na praça gera ainda atração e fluxo de pessoas evidentes.

As situações apresentadas denotam o que Serpa (2018) considera como “ereção de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis” (*Ibid.* p. 36). É neste sentido que o espaço público se transforma em uma justaposição de espaços privatizados que são divididos entre diferentes grupos (*Ibid.*). Apesar dessas barreiras invisíveis, as pessoas podem conviver, desde que umas reconheçam e respeitem o território das outras.

### Espaços apreendidos e uso de objetos técnicos

Através da leitura do espaço público é possível não apenas examinar os elementos físicos que o constituem como também entender sua influência nas formas de interação e apropriação. Dessa maneira, ao se estabelecer uma análise socioespacial, as formas físicas e os fenômenos sociais são entendidos de maneira interconectada, de modo que o espaço público urbano é resultado da interação dessas diferentes dimensões.

Esse respeito, Toussaint (2003) considera a existência de uma série de objetos no meio urbano que equipam o espaço e remetem à materialização de práticas sociais. Para o





autor, os dispositivos técnicos se relacionam e interagem com o cidadão possibilitando ou inibindo contatos, encontros e vivências no espaço. Além disso, a adoção do termo *dispositivo* qualifica o campo de objetos manufaturados necessários para a vida na cidade. Entende-se que esses dispositivos estão relacionados à fabricação urbana, por isso, congregam “uma combinatória de operações técnicas abstratas agrupadas para uma determinada tarefa” (TOUSSAINT, 2003, p. 53).

Os dispositivos técnicos desempenham um papel importante no desenvolvimento das possibilidades de permanência dos espaços públicos. A presença de determinados tipos de DTSU pode ser uma característica capaz de influenciar na decisão sobre quais espaços públicos são mais atraentes para serem frequentados. No entanto, isto não pode ser a única regra definidora para a vitalidade urbana. Na Praça da Paz, por exemplo, foram identificados dois grupos de dispositivos técnicos: 1- os que foram implantados desde o projeto inicial do espaço [cf. *infra*, Figura 4]; 2- os que foram incorporados pelos habitantes a partir de suas necessidades e práticas cotidianas.

Há no espaço público uma série de práticas que estão sujeitas à sua configuração, às suas dimensões e que relacionam atividades socioespaciais. Ao entendê-las como práticas urbanas ou ainda práticas coletivas, Scocuglia (2012) salienta que as atividades dos indivíduos no espaço público merecem destaque. Exemplificando esta relação, durante a entrevista, ao serem questionados sobre possíveis fatores que tornariam a praça um espaço convidativo, um dos entrevistados associou a presença de determinados objetos no espaço e suas possibilidades de uso coletivo:

[...] Eu acho que ele é convidativo por ser muito atrativo em todos as formas. Assim, por exemplo, tem a pista de skate, que vai atrair um certo público de skatistas; tem um anfiteatro que vai trazer um público que gosta de fazer eventos; tem o parque para crianças que apesar de estar um pouco não convidativo, né? Enfim...Tá meio abandonado. Mas, tem ali criança brincando. Tem os bancos que a galera vem e gosta de ficar só aqui mesmo. Tem esse espaço aqui que pode ser feito qualquer outra coisa, como o pessoal tá fazendo



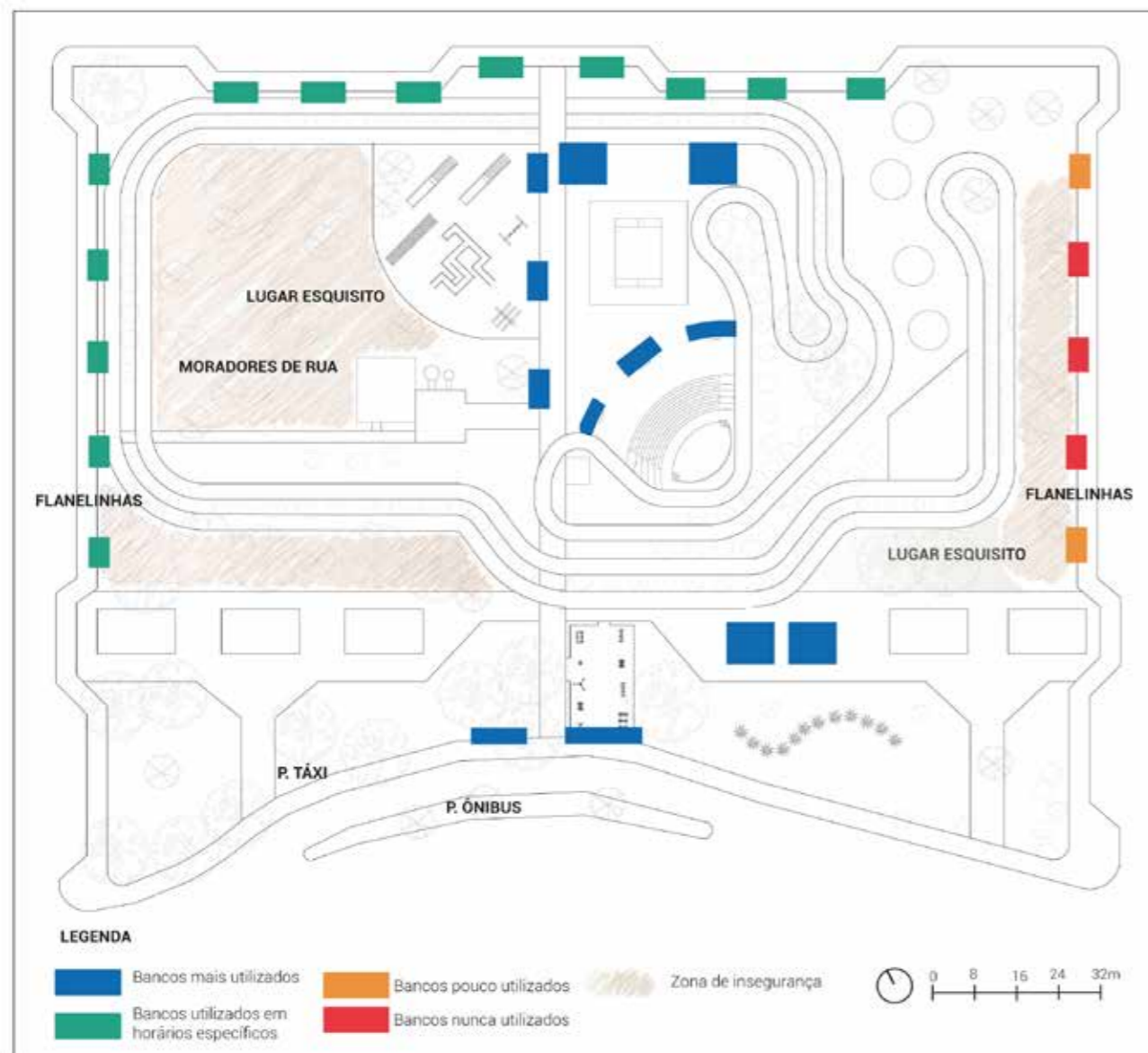
exercício aí agora. Eu acho que atende várias demandas. Tem os bares... [...] engloba várias coisas, vários públicos. (Entrevistado 4).

Ao descrever alguns elementos que compõem a estrutura física da praça, o entrevistado não se limita apenas em apontá-los individualmente, ele os relaciona aos usos e às possibilidades de atração de pessoas. Para o entrevistado, o espaço “é convidativo por ser muito atrativo” e essa atratividade ocorre porque possibilita o encontro de pessoas, o que pode ser evidenciado nos trechos: “eu acho que atende várias demandas”, “engloba várias coisas, vários públicos”.

Em seus estudos sobre os espaços públicos, Whyte (1980) constatou que a atratividade do lugar não é indicada pelas atividades; antes, ela é motivada pelas pessoas, cujo movimento atrai outras pessoas. Na Praça da Paz, há de fato um potencial de atração e, mesmo em algumas áreas pouco sombreadas, as pessoas costumam permanecer; em outros termos, os usuários insistem em utilizar essas áreas e parecem se adaptar às situações de desconforto, o que evidencia a preferência para permanecer em determinados pontos da praça, ainda que os mesmos não sejam dotados suficientemente de DTSU. Esses gestos refletem não apenas uma característica física relacionada aos objetos dispostos no espaço — que muitas vezes não atendem ao público por serem desconfortáveis — mas também um fator social que representa a escolha em utilizá-lo ou não, o que implica em novas adaptações ao contexto vivenciado e, com isso, a inserção de outros objetos no espaço, como é o caso da cadeira que é trazida de casa — tipicamente, ações ou comportamentos refletidos em padrões de apropriação social do espaço [cf. *infra*, Figura 5].

Para Toussaint (2003), o uso de dispositivos técnicos está sujeito a um conjunto de regras, as quais “normalizam as práticas sociais” (TOUSSAINT, 2003, p. 218). Em um local, que foi projetado para uma função específica (um palco para eventos), as crianças brincam no final da tarde, grupos de jovens reúnem-se à noite e em finais semana para eventos culturais, para conversar. Também, moradores de rua utilizam o espaço atrás do palco como banheiro ou os degraus da escada como local para dormir, descansar, o que causa aborrecimento por parte dos habitantes, que taxam tais



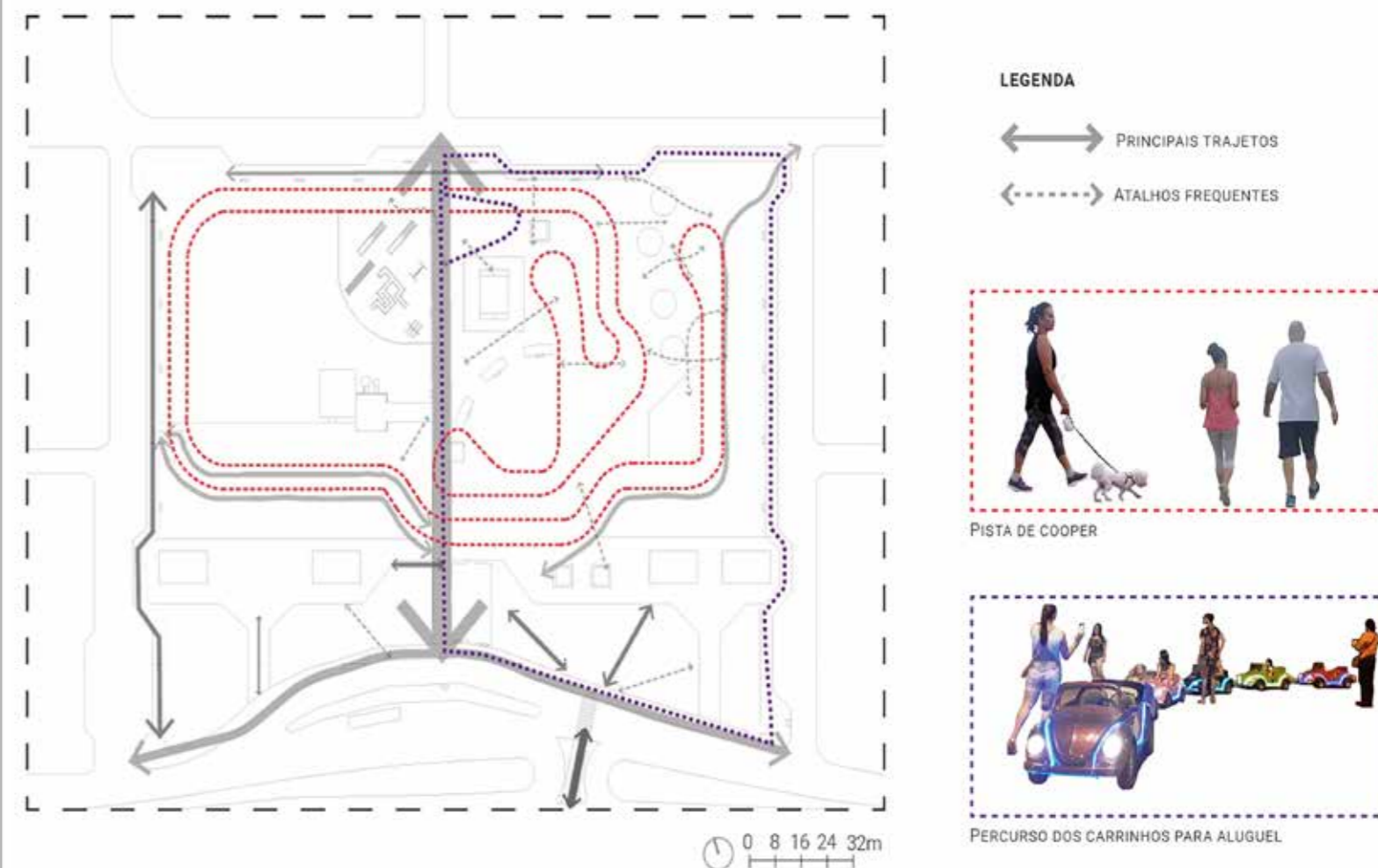


Nos termos de Leite (2010), o cotidiano é tido como algo que resulta da “capacidade de o ator definir a situação em que atua rotineiramente” (*Id.*, p. 742), no entanto, isso não precisa acontecer de modo fixo, o que possibilita diferentes apropriações em contextos distintos.

### Síntese cartográfica

Os resultados obtidos a partir dos discursos recolhidos nas entrevistas juntamente com as observações feitas *in loco* foram espacializados em duas cartografias; os dados foram, em seguida, sobrepostos em uma mesma base, compondo a síntese cartográfica, que ilustra a dinâmica da praça. Em primeiro momento, foram sobrepostas ao traçado da praça, as zonas apreendidas por meio das entrevistas e observações *in loco*. Em seguida, levou-se em consideração o mapa de fluxos, percursos para atividades físicas e o trajeto que é percorrido pelos brinquedos de aluguel utilizados pelas crianças. Após esta etapa, por meio de uma perspectiva isométrica do espaço estudado, foram delimitados os usos e apropriações recorrentes em cada zona da praça. Em último momento, após a sobreposição de todos os elementos analisados, efetuou-se a síntese cartográfica que compõe a análise final.

Na Figura 7 [*cf. infra*], torna-se clara a distinção entre as áreas onde há maior nível de vitalidade. Igualmente, a partir das visitas, pode-se constatar quais são os bancos mais utilizados pelas pessoas, bem como quais áreas são mais atrativas ou não. Foram definidas zonas que se relacionam às impressões captadas pelas entrevistas.



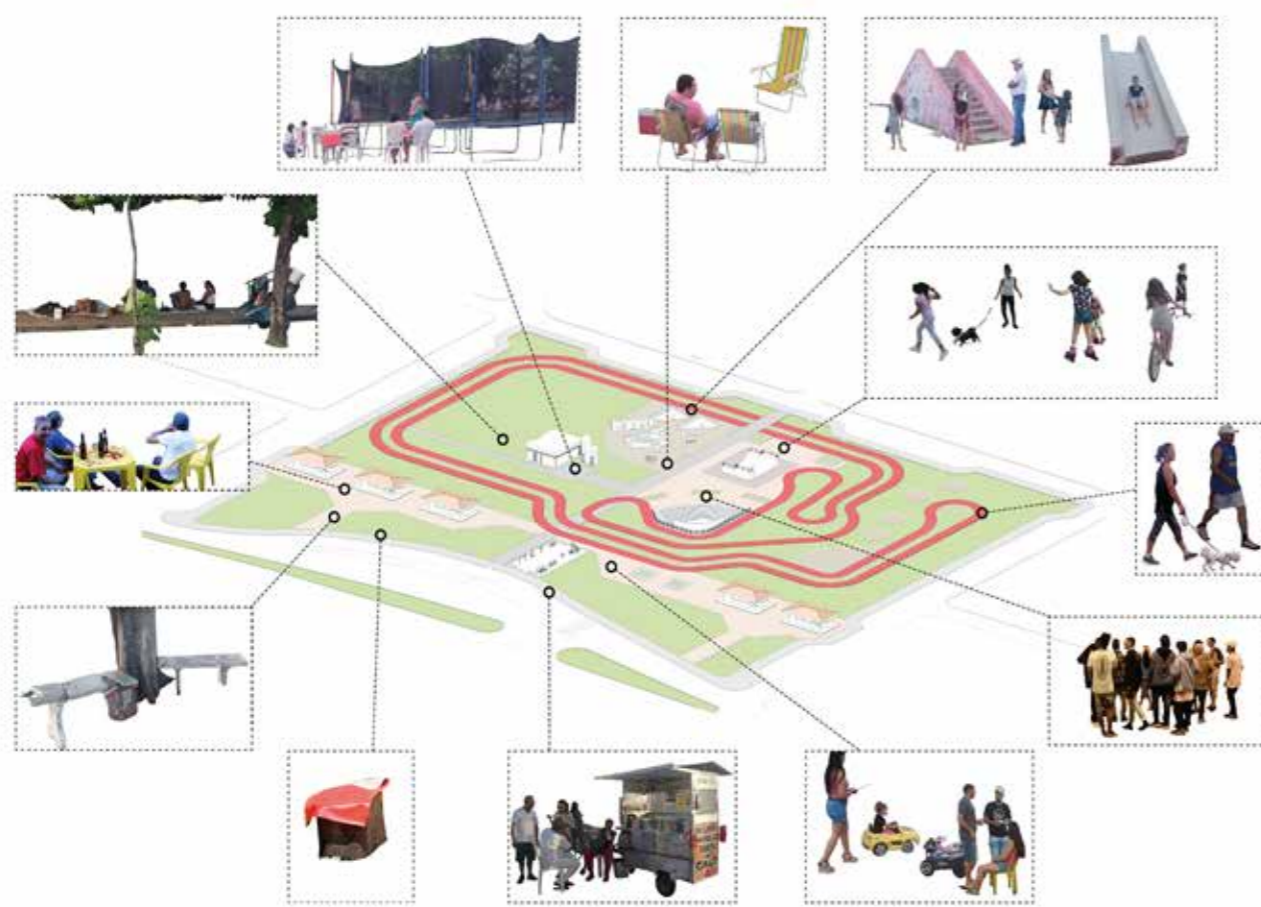
Já na Figura 8 [*cf. infra*], a sobreposição dos trajetos da pista de *cooper* e dos brinquedos para aluguel com os fluxos e atalhos mais recorrentes permitem a compreensão de quais são os espaços onde há maior circulação de pessoas.

Em complemento as estas informações, recupera-se na Figura 9 [*cf. infra*], em perspectiva isométrica, os usos e apropriações recorrentes na praça. A partir dessas informações, pode-se também analisar duas questões pertinentes aos dispositivos técnicos: 1. os dispositivos que foram inseridos/fabricados pelos usuários da praça, como é o caso do banco, no espaço destinado aos taxistas; 2. os dispositivos técnicos que foram projetados para as crianças, mas não são mais utilizados por elas, como é o caso do labirinto, que é reapropriado pelo grupo do Parkour em alguns horários. Ao sobrepor todas estas informações, obtém-se na Figura 10 [*cf. infra*] a síntese cartográfica que resume as relações estabelecidas aqui. Apesar de existir uma infinidade de usos e apropriações, ainda merecem destaque os espaços ou zonas de insegurança, relatados pelas pessoas. Todas estas informações fornecem um panorama completo da Praça, suscitando, inclusive, possíveis intervenções que poderiam ser feitas para melhoria do espaço, conforme relataram os entrevistados.

Esta síntese faculta uma reflexão geral sobre a *empatia*, entendida como o ato de se colocar no lugar do outro e, mais particularmente, em contextos urbanos, remete à “empatia espacial”, cuja acepção do termo, diferenciada, sinaliza para o “outro” não como uma figura humana, mas como o próprio lugar, o espaço cidadão. É por este motivo que a empatia espacial “não assume delineamentos de um fenômeno unitário” (NASCIMENTO, 2018, p. 119), sendo interpretada a partir das dinâmicas, ritmos e comportamentos, notadamente expressos em termos de ambiências urbanas.



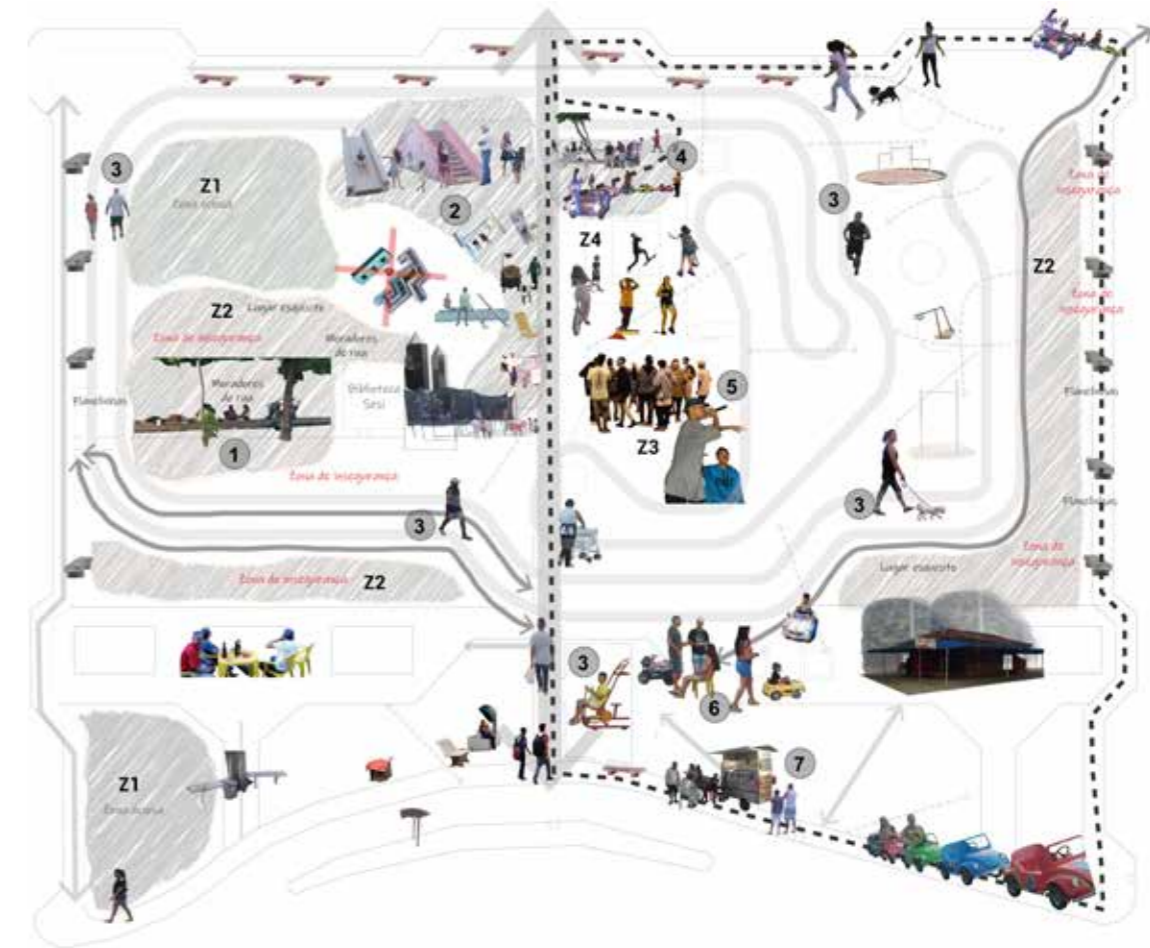
Figura 9 - Perspectiva Isométrica da praça e apropriações recorrentes. Fonte: Araújo, 2020. (Adaptado pelos autores).



Esses elementos, somados à percepção do indivíduo em um lugar específico, podem possibilitar ou inibir relações empáticas e padrões de comportamento. Em termos práticos, com base nas suas impressões pessoais, que sofrem influência direta das ambiências de um local, o indivíduo pode desencadear ou não sentimentos que o levem a experiências compartilhadas no espaço.

Dentro dessa lógica, os condicionantes que permitem a caracterização de um lugar como empático são classificados como *gatilhos* ou estímulos que favorecem vivências coletivas/compartilhadas no espaço. O espaço coletivo cidadão é o principal alvo para o estudo da empatia espacial, pois é nele que ocorrem ou podem ocorrer experiências compartilhadas. Em relação aos fatores ou *gatilhos* que possibilitam a empatia por determinado espaço, pode-se mencionar os aspectos imateriais; o próprio espaço, enquanto suporte físico; e os aspectos sociais que estão relacionados ao sujeito (NASCIMENTO, 2018). A amostragem permite ainda referir-se aos atributos “empáticos” da Praça da Paz — ao contrário daqueles que remetem ao “descrédito” (GOFFMAN, 1975; TRIGUEIRO, 2008) — com ênfase nas “ambiências” do lugar, tanto ao longo do dia, quanto ao entardecer (das 16:00 às 18:30) ou ainda à noite, a partir das 20:30, durante as quais as dinâmicas da praça mudam completamente, assim como seus públicos urbanos.

Em relação aos condicionantes sociais e culturais, pode-se mencionar o pertencimento social, refletido em diferentes grupos que frequentam o local em horários específicos, bem como as territorialidades preexistentes, como foi apontado por uma das entrevistadas, ao afirmar sobre a divisão de grupos que ocorre entre os quiosques. Ademais, o posicionamento das pessoas que afirmaram não frequentar o local em determinados horários, por haver “tipos de pessoas” ou “gente de outra classe”, também se aplicam a este caso. Conforme aponta Nascimento (2018), é no ato de se reconhecer como integrante do espaço (afetar-se) que somos levados ao encontro e à vinculação a determinado evento ou prática social. O modo como a praça é configurada interfere igualmente nestas percepções e experiências daquele lugar, dado evidenciado pelos eixos estruturantes da praça e os principais fluxos de pessoas. Por outro lado, os atalhos ou vestígios ambientais e, inclusive, a inserções de objetos,



**LEGENDA**

- DEMARCAÇÃO DE ZONEAMENTO
- PISTA DE COOPER
- PERCURSO DE APROPRIAÇÃO (BRINQUEDOS DE ALUGUEL)
- FLUXOS DE PESSOAS
- ATALHOS FREQUENTES

**ZONEAMENTO**

- Z1 - Zona arborizada e ociosa
- Z2 - Zona arborizada com nível de insegurança
- Z3 - Zona de eventos culturais
- Z4 - Zona com maior diversidade de apropriações

0 8 16 24 32m



Figura 10 - Síntese cartográfica. Fonte: Araújo, 2020. (Adaptado pelos autores).

como foi exemplificado no caso do banco improvisado pelos taxistas ou dos pneus dispostos próximos ao labirinto, que não é mais utilizado pelas crianças, corroboram a existência de contextos subversivos ou *táticas* que são exercidas por alguns dos usuários daquele local em seus gestos cotidianos.

Entre os estímulos ou *gatilhos* para a empatia espacial na Praça da Paz, aparecem tanto os dispositivos técnicos existentes e que ainda são utilizados pelas pessoas que frequentam a praça, como os novos objetos fabricados/inseridos. Nesse contexto, a pista de skate (*half*) é um exemplo de dispositivo técnico bem-sucedido, incorporado à Praça desde o projeto inicial e que ainda se mantém em uso constante por diferentes públicos que utilizam o espaço. Observam-se outros usos em torno do mesmo



dispositivo, como é o caso das crianças que, em horários específicos, transformam-no em local para brincadeiras, ou dos jovens que se aglomeram no centro da pista para reuniões convencionais. Embora oriundas de processos de privatização, de natureza comercial, as miniaturas de carros e motos à disposição para aluguel atraem públicos e geram copresença, impulsionando vitalidade, mas também uma ambiência própria ao consumo, em torno do público infantil e de seus cuidadores.

### Considerações finais

Os espaços públicos são considerados os principais lugares da vida urbana ou “loci da urbanidade” (TRIGUEIRO, 2012) – favorecem o exercício da alteridade e o reconhecimento de outrem (TRIGUEIRO, 2008); são palco de lutas e de reafirmação da condição cidadã; território de experimentação da gestão democrática (TAVARES *et al.*, 2022). Os espaços públicos encerram, em sua configuração espacial, uma infinidade de possibilidades no cotidiano, a partir das relações estabelecidas entre os públicos urbanos que os frequentam e de suas práticas de apropriação, as quais, não raro, resistem a deficiências técnicas e até as superam, emergindo enquanto “controversas ao lugar” (SILVA, 2021, p.94), variáveis incontestes da resistência inventiva nos espaços públicos (CRUZ; TRIGUEIRO, 2016).

O estudo de caso configura-se como exemplo de mobilização de objetos fabricados/ inseridos e das relações entre esses e seus usuários. Tais elementos constituem-se a partir de uma relação de troca e convívio e, no caso da Praça da Paz, a noção de “Lugar” é construída no imaginário de seus usuários, a partir de relações de comunhão afetiva com seus diferentes espaços, e de uma *empatia espacial* que tende, contudo, a tolerar mais o *espaço citadino*, enquanto lócus da comunicação, do que o *outro*, reconhecido como usuário desconhecido. Muitas barreiras e incivildades aparecem, de fato, em situações em que os públicos urbanos são diversos.

Os resultados evidenciam, no entanto, relações humanas que persistem, construídas a partir de fatores sociais diretamente ligados ao desejo de frequentar o espaço. A praça funciona como polo atrator, gerador de vitalidade e animação social, alguns condicionantes para essa copresença estando expressos na apropriação dos espaços e dispositivos técnicos. Os comportamentos sociais analisados possibilitam a qualificação afetiva de um espaço urbano, uma vez que incorporam impressões que são apreendidas em vivências cotidianas e apego aos espaços. Essas questões aproximam-se do que é defendido por Thomas (2018), ao sugerir uma “crítica sensível ao urbano”, numa lógica em que o mundo urbano é fundado e compartilhado com base nas interações entre pessoas, regras que organizam suas experiências sensíveis, transações e arranjos com os dispositivos físicos do espaço. Por meio da abordagem metodológica desenvolvida no trabalho foi possível incorporar narrativas e percepções de atores sociais próximos à vivência na cidade, o que pode ser corroborado por Lefebvre (2001, p. 54), ao refletir que “as relações sociais são atingidas a partir do sensível”, tornando-se inviável compreender a dimensão física das cidades sem relacioná-la à dimensão humana.

### Referências

- AKRICH, Madeline. *Como descrever os objetos técnicos*. Boletim Campineiro de Geografia. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.54446/bcg.v4i1.147>. Acesso em 05 nov. 2019.
- ARAÚJO, José Alberto Conceição de. *Vitalidade urbana e empatia espacial: um olhar sobre os espaços públicos dos Bancários em João Pessoa-PB*. 2020. 142f. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22876>. Acesso em: 15 set. 2021.
- BONATES, Mariana Fialho. *Ideologia da casa própria... sem casa própria: o Programa de Arrendamento Residencial na cidade de João Pessoa-PB*. 2007. 291 f. Dissertação (Mestrado em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/12305> Acesso em: 10 dez. 2019.
- CRUZ, Patrícia Cruz Silva; TRIGUEIRO, Marcele de Araújo Morais. Urbanidades do Bairro Altiplano Cabo Branco, João Pessoa / PB. In: *Verticalização e Materialização das Cidades Brasileiras*. Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, 2016. Disponível em : <http://www.anparq.org.br/dvd-enparq-4/SESSAO%2046/S46-06-SILVA%20CRUZ,%20P;%20ARAÚJO%20MORAIS,%20M.pdf> Acesso em: 10 set. 2021.
- CUSTÓDIO, Vanderli; CAMPOS, Ana Cecília de Arruda; MACEDO, Silvio Soares; QUEIROGA, Eugênio Fernandes. Espaços livres públicos nas cidades brasileiras. IN: *Revista Geográfica de América Central*, Número Especial EGAL, Ano 2011. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/download/2201/2097/>. Acesso em 15 dez. 2019.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FIGUEIREDO, Lucas. Desurbanismo: Um manual rápido de destruição de cidades. Em: Aguiar, D.; Netto, V. (eds.). *Urbanidades*. Rio de Janeiro, Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.
- GOFFMAN, Erving. *Stigmaté. Les usages sociaux des handicaps*. Paris: Les Editions de Minuit, col. Le sens commun, 1975.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística). *Censo Demográfico Brasileiro*. Brasília, 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em: 15 dez. 2019.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. [1961] Tradução Maria Estela Heider Cavaleiro. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEITE, Rogério Proença. A inversão do cotidiano: Práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. *Revista de Ciências Sociais*, 53(3), 737-756, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0011-52582010000300007>



MAIA, Doralice Sátyro. *Habitação popular e o processo de periferação e de fragmentação urbana: uma análise sobre as cidades de João Pessoa-PB e Campina Grande-PB* Geosul, Florianópolis, v. 29, n. 58, p. 89-113, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.ccen.ufpb.br/ppgg/contents/producao-docente/doralice-satyro-maia/30429-124705-1-pb.pdf>. Acesso em 10 fev. 2020.

MARICATO, Erminia. *Para entender a crise urbana*. São Paulo, Expressão Popular, 2015.

MEDEIROS, Thuany Guedes; MORAIS, Marcele Trigueiro de Araújo; DONEGAN, Lucy. *Verticalizar e ver o mar*. Revista de Morfologia Urbana, v. 7, n. 1, p. e00022, 2 ago. 2019. Disponível em: <http://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/22>. Acesso em 15 dez. 2019.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Orgs.). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 208- 2016. Disponível em: <https://psiambiental.files.wordpress.com/2016/03/mourao-cavalcante-2011-identidade-de-lugar.pdf>. Acesso em 10 jan. 2020.

NASCIMENTO, Barbara Thomaz. *Da Ressonância ao Engajamento: percursos para a fundação de metodologia sensível de análise da Empatia Espacial em contextos urbanos*. Rio de Janeiro. 224f. Tese (Doutorado em Ciências da Arquitetura) – FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://lasc.fau.ufrj.br/teses-e-dissertacoes/254/da-ressonancia-ao-engajamento-percursos-para-a-fundacao-de-metodologia-sensivel-de-analise-da-empatia-espacial-em-contextos-urbanos>. Acesso em 05 fev. 2020.

NEGRÃO, Ana Gomes. *Processo de produção e reprodução da cidade: um estudo sobre os estágios evolutivos ao longo dos espaços estruturados pelo corredor da avenida Dom Pedro II, João Pessoa, Paraíba*. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5544>. Acesso em: 20 fev. 2020.

NETTO, Vinicius de Moraes; VARGAS, Julio Celso Borello; SABOYA, Renato Tibiriçá de. (Buscando) Os efeitos sociais da morfologia arquitetônica. *Urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana* [online]. 2012, vol.4, n.2, p.261- 282. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/urbe.7400>. Acesso em 10 dez. 2019.

PANERAI, Philippe. *Análise Urbana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

PINHEIRO, José de Queiroz; ELALI, Gleice Azambuja; FERNANDES, Odara de Sá. Observando a interação pessoa-ambiente: Vestígios ambientais e mapeamento comportamental. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GUNTHER, Hartmut. (Orgs.) *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 75-104.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. *Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras*. RESGATE. vol. XIX, N. 21. jan./jun. página 25-35. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/download/77356/81204> Acesso em: 10 jan. 2020.

QUEIROGA, Eugênio; BENFATTI, Denio. Sistemas de espaços livre urbanos: construindo um referencial teórico. *Paisagem e Ambiente*, n. 24, p. 81-87, 31 dez. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/85699> Acesso em: 10 jan. 2020.

SANTANA, Trícia Caroline da Silva. *Uma reflexão sobre a vitalidade urbana das praças de Natal/RN*. 2015. 186f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/20093> Acesso em: 20 nov. 2019.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço –Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti (Org.). *Cidade, cultura e urbanidade*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

SERPA, Ângelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SERPA, Ângelo. Lugar, paisagem e experiência / Place, landscape and experience. *Geograficidade*, v. 10, n. Especial, p. 99-105, 6 out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.100.a38410>. Acesso em 20 out. 2021.

SILVA, Brunielly de Almeida. *Ruas a pé: as dimensões espacial e social de ruas exclusivas para pedestres na área central de João Pessoa*. 2021. 169f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Paraíba.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy Cavalcanti. (Org.). *Cidade, cultura e urbanidade*. Editora Universitária da UFPB, 2012.

SOARES, Cristiane Leal Rodrigues. *A violência da segregação*. Uma etnografia da comunidade do Timbó localizada no bairro de Bancários em João Pessoa/PB. Dissertação de Mestrado. 136f. João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7263/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

TAVARES, Flávio et al. *Agir local: gestão territorial e democracia, uma experiência em Conde – Paraíba – Brasil*. João Pessoa: Instituto Território, 2022.

THOMAS, Rachel. *Une critique sensible de l'urbain*. Mémoire de HDR en Sciences Humaines – Aménagement, Communauté Université Grenoble Alpes, École doctorale 454 «Sciences de l'homme, du politique et du territoire», Cresson, 2018, 261 p. [En ligne] <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01818999> Acesso em : 20 fev. 2020.

THIBAUD, Jean-Paul. L'énigme des ambiances en partage. In: THIBAUD, Jean-Paul; DUARTE, Cristiane Rose. *Ambiances urbaines en partage*. Pour une écologie sociale de la ville sensible, MétisPresses, 2013, p. 7-19. Disponível em: <http://hal.univ-grenoble-alpes.fr/hal-01113932/document> Acesso em: 20 set. 2020.

TOUSSAINT, Jean-Yves. *Projets et usages urbains*. Fabriquer et utiliser les dispositifs techniques et spatiaux de l'urbain. Tese de HDR (Habilitação à Direção de Pesquisas). Lyon: Université Lumière - Lyon II/INSA de Lyon, 2003. Disponível em: [https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00473722/PDF/P\\_UA4.pdf](https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00473722/PDF/P_UA4.pdf) Acesso em: 20 ago. 2019.

TRIGUEIRO, Marcele de Araújo. *Éléments pour une prise en compte du rôle des espaces publics dans les grands ensembles*. Les cas lyonnais de la Ville Nouvelle et des Minguettes. Tese de Doutorado. Lyon: INSA de Lyon, 2003. Disponível em: [http://csidoc.insa-lyon.fr/these/2008/trigueiro\\_de\\_araujo\\_morais/these.pdf](http://csidoc.insa-lyon.fr/these/2008/trigueiro_de_araujo_morais/these.pdf) Acesso em: 20 ago. 2019.



TRIGUEIRO, Marcele de Araújo. Pacificação da cidade: a urbanidade legitimada. Em: Aguiar, D.; Netto, V. (eds.). *Urbanidades*. Rio de Janeiro, Folio Digital: Letra e Imagem, 2012.

TRIGUEIRO, Marcele de Araújo; BERDIER, Chantal; MEDEIROS, Thuany Guedes; CAVALCANTI, Jovanka Baracuh. La place des acteurs privés dans la fabrication de la ville brésilienne: le cas du quartier de l'Altiplano à João Pessoa. *Cybergeo: European Journal of Geography*. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/cybergeo.33704>. Acesso em: 10 nov. 2021.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

WHYTE, William Hollingsworth. *The social life of small urban spaces*. Nova York: Project for Public Spaces, 2009.